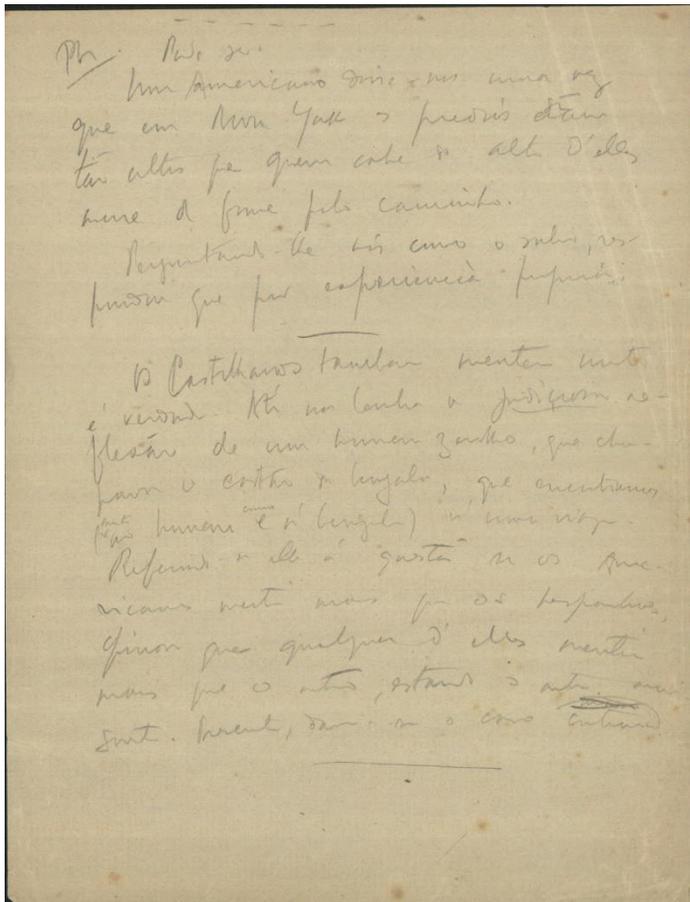


Humour.

Ha duas especies de homens que admiramos e são os que são sublimes sem ser deshumanos, e os que são mesmo sem ridicularisar. Por isso dois dos auctores que preferimos apreciar, aparte outras considerações, são Shakespeare e Dickens. A este ultimo, desde que o lemos - que o ... não diremos que o admiramos, mas ~~o~~ que o amamos. Aquelle humorismo perfeito, contagioso que não sabe ser caustico e efusivo, nem sequer inteiramente serio, aquelle sorriso de coração, sol d'alma, orvalho do pensa^{/senti\}mento - suave, terno, e, sobretudo, profundamente sincero - encanta-me, assalta-me. ~~O humorismo francez~~ A graça franceza - a de Voltaire, por exemplo, nauseia-me. Os francezes não sabem sorrir, e o não saber sorrir é mais difficil. A graça de Swift arrepia; aquella ironia continua grave, melindr, misanthropica roupagem. Dickens sorri sempre. Voltaire ri sempre. Swift nunca ri. Consuma-se, e o gosto sente-o {...}



Phosphoro. Pode ser.

Um americano disse-nos uma vez que em Nova York os predios eram /são\ tão altos que quem cahe do alto d'elles morre de fome pelo caminho.

Perguntando-lhe nós como o sabia, respondeu que por experiencia propria.

Os Castelhanos tambem mentem muito é verdade. Até nos lembra a |judiciosa| reflexão de um homem zarolho, que chamava o bastão de bengala, que encontramos (/tanto\ ao homem e /como\ á bengala) n'uma viagem. Referindo-se elle á questão se os Americanos mentiam mais que os hespahoos, opinou que qualquer d'elles mentiu mais que o outro, estando o outro ausente. Porcerto, dava-se o caso contrario inverse.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).